

Mr. JEAN FINOT, notavel publicista francez e grande amigo de Portugal

(Desenho feito do natural para a «Ilustração Portuguesa» pelo seu correspondente artistico em Paris, sr. Ferrelra da Costa)

II série — N.º 526

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:	Trimestre 1\$20 ctv.
	Semestre 2\$40 ..
	Ano ... 4\$80 ..
Numero avulso, 10 centavos	

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e officinas: rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 20 de Março de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL
CURA AS
TOSSES
FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharrnacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,
25, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com: rando 2 Frascos.

Gizzella
O MELHOR SABONETE

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancia, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarro les, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predize a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 ré.s.



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharrnacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C.º, Succes.º,**
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.



Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA



PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Estão á venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1915 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótmo efeito.

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e fronte-picio respétivo.

Administração d'O SECULO

RUA DO SECULO, 43
SBOA

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Lêr na proxima quarta-feira o

Suplemento de MODAS & BORDADOS
D'O SECULO

Secções de: Modas, Correspondencia, Figurinos, e Bordados.

INTERESSANTES CONCURSOS



Estado de guerra

Disse-o Victor Cambon n'esse admiravel livro que se chama «Derniers progrès de l'Allemagne moderne»: os alemães teem a organização militar; mas falta-lhes o senso politico. De facto, que pretendeu a Alemanha ao declarar o estado de guerra a Portugal? Produzir um efeito de coação sobre as nações neutraes? Esse efeito falhou. Afrontar um

pequeno povo? Mas o gesto da Alemanha, longe de nos afrontar—dignificou-nos. Até agora, a politica exterior de Portugal, tendo todos os inconvenientes das situações mal definidas, não deixava de apresentar todos os riscos de uma beligerancia de facto. A nota alemã, declarando o estado de guerra, deu sanção juridica a essa beligerancia; marcou, de uma forma definitiva, a nossa posição no conflito europeu; creou-nos, perante as contingencias da paz futura, direitos que não nos poderia conferir a nossa

imprecisa attitude de neutralidade condicional; chamou sobre nós, n'um vivo movimento de simpatia, de solidariedade e de respeito, as atenções de todo o mundo antigermanico,—e, sem modificar sensivelmente as condições de extrema gravidade em que Portugal se encontra desde o inicio da guerra, melhorou a nossa situação moral e acordou, para uma mais nitida consciencia do «momento europeu», todas as energias nacionais.



O Ministerio

Apresentou-se finalmente ao Parlamento o novo governo. Circumstancias deveras ponderosas, que os profissionaes da politica apreciarão, não permitiram a constituição de um ministerio caracterisadamente nacional, nem mesmo a de um governo onde se encontrassem representadas todas as correntes da opinião republicana. Entretanto, nem

por isso as negociações para a formação do gabinete a que, com sacrificio da sua abalada saude, preside o sr. dr. Antonio José de Almeida, deixaram de ser longas, acidentadas e dificeis.

A quem não é politico, afigura-se que a declaração da crise foi prematura. Não era manifestamente urgente que a crise se abrisse; mas, uma vez aberta, todas as razões de ordem nacional e internacional exigiam que ela se resolvesse sem demora. «As leis fazem-se na Camara, e os ministros



nos corredores.» A ninguém ocorreu que, dado o equilibrio instavel do nosso sistema de forças politicas, os ministros, em Portugal, levam muito mais tempo a fazer do que as leis.

Quaresma

Beldemonio, numa das suas cronicas cheias de delicadeza, de cintilação e de audacia, inventou o «homem do colete amarelo». Quem era o «homem do colete amarelo»? Um excelente burguez que, por uma singular hiperestesia ou por um dom sobrenatural, adivinhava os dias em que andavam mulheres bonitas nas ruas. O «homem do colete amarelo» aparecia no Chiado, por volta das cinco horas, brandindo a sua bengala «pomme d'or». Não havia duvida. Era dia de mulheres bonitas. Ora eu tenho notado, minha querida amiga, que nestes assomos floridos da Quaresma, quando vocês todas, mulheres, começam a vestir-se de preto, de ardosia, de «tête-de-nègre», e a fazer valer inconscientemente—será inconscientemente?—os seus olhos de porcelana e a sua pele dourada de trigueiras,—o «homem do colete amarelo» sai todos os dias.



Chave doirada

Manuel da Silva Gayo acaba de publicar o seu novo poema: «Chave Doirada». O que é a «Chave Doirada»? O nome da linda nau que, segundo a cantilena de um vagabundo sebastianista, havia de trazer D. Sebastião a Portugal. O que é o poema? Uma evocação épica em admiraveis decimas de redondilha, que teem, por vezes, um acentuado sabor quincentista e sá-de-mirandez. A que conclusão chega Manuel Gayo,—que, além d'um perfeito artista, é um pensador e um filósofo? A' conclusão de que a aventura do Mar foi para Portugal uma funesta gloria, e de que na Terra está «o verdadeiro porto de abrigo da raça, desgarrada fóra e dentro da patria.»



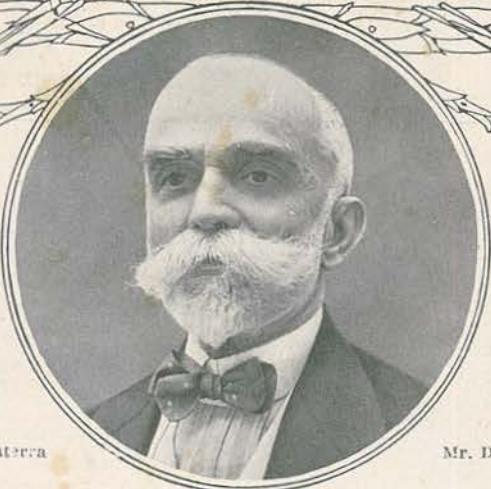
JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

A declaração de guerra a Portugal



Sir Carnegie, ministro da Inglaterra em Lisboa



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica Portuguesa.— (Cliché Vasques).



Mr. Daeschner, ministro da França em Lisboa

Não deve haver hoje um só portu- guez, digno d'este nome, que se não honre de o ser; não deve haver desinteligencias nem odios, por mais fundos e irredutíveis que pareçam, que não desarmem sinceramente n'esta hora suprema, em que se nos impõe a mais estreita e patriótica solidariedade ante a declaração de guerra da Alemanha.

Não; digam o que disserem os pessimistas; Portugal não é um paiz decaido de energias fisicas e moraes, esquivando-se a tomar parte n'este gigantesco conflito, onde se joga sobretudo a vida dos povos pequenos.



O sr. dr. Antonio José d'Almeida, chefe do partido evolucionista



O sr. dr. Afonso Costa, chefe do partido democratico



O sr. dr. Brito Camacho, chefe do partido unionista (Cliché Vasques).

Se não entrou já na guerra, é porque nunca se apresentou o ensejo proprio. Procedendo sempre de accordo com a sua poderosa e antiga aliada, a Inglaterra, nem esta duvidou um momento da nossa lealdade nem da prontidão com que nos poríamos, no momento preciso, a seu lado no campo da luta, como nós nunca duvidamos do formidavel e seguro apoio que n'ela encontraríamos, quando tivéssemos de terçar armas pela nossa honra e pelos nossos interesses vitaes.

Chegou esse momento. Portugal, de comum accordo com a sua aliada, requisitou os navios alemães detidos no Tejo, em condições mais que vantajosas para os respectivos armadores. Pois, foi este o «casus belli».



O sr. dr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros

E, quando a Alemanha julgava que trepidariamos deante da sua ameaça, viu com mal disfarçado desespero que á sua declaração de guerra correspondia um grito, como o de leão que se provocou supondo-o decrepito, um grito unisono, desferido com enthusiasmo por todas as bocas e feito das vibrações mais intensas de todos os corações.

Nunca, que nos lembre, presenciámos mais comovedora e nobre comunhão de sentimentos entre nós. Depoz armas a politica ainda a mais ferozmente sectaria, que é a unica causa que nos desu-

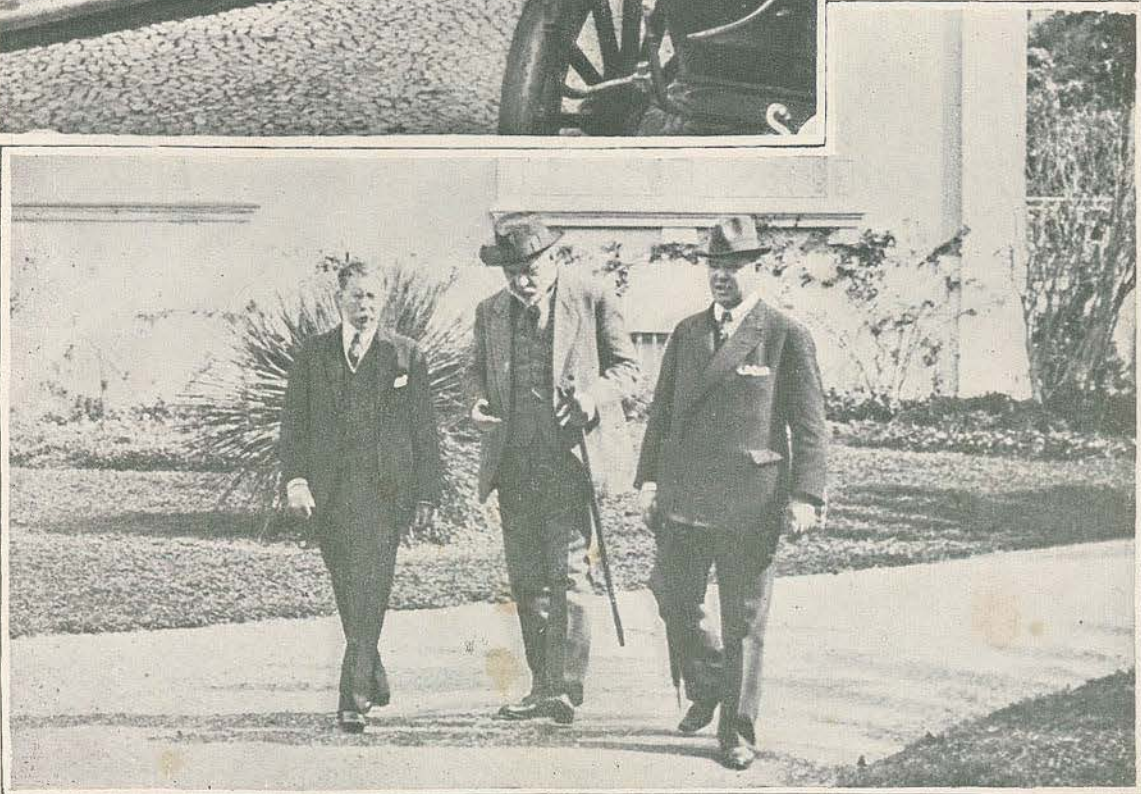
ne, até hoje indebelavel; abateram-se todos os estandartes dos partidos e scismas para se desfraldar um só, magestoso, soberbo, imponente — o da patria. A sessão do congresso, de 10 de Março, em que se leu a declaração de guerra e á qual assistiram os illustres ministros da Inglaterra, da França e da Belgica, ao lado de quem vamos combater, marcou na vida nacional uma grandeza culminante, que nos honra e com que se honram os nossos aliados. A imprensa de todos os paises amigos e neutraes não se teem cansado de elogiar a atitude de Portugal pela sua energia e elevação, e por toda a parte, onde bate um coração portuguez, ouve-



Mr. Leghalt, ministro da Belgica, em Lisboa (Cliché Benollel).



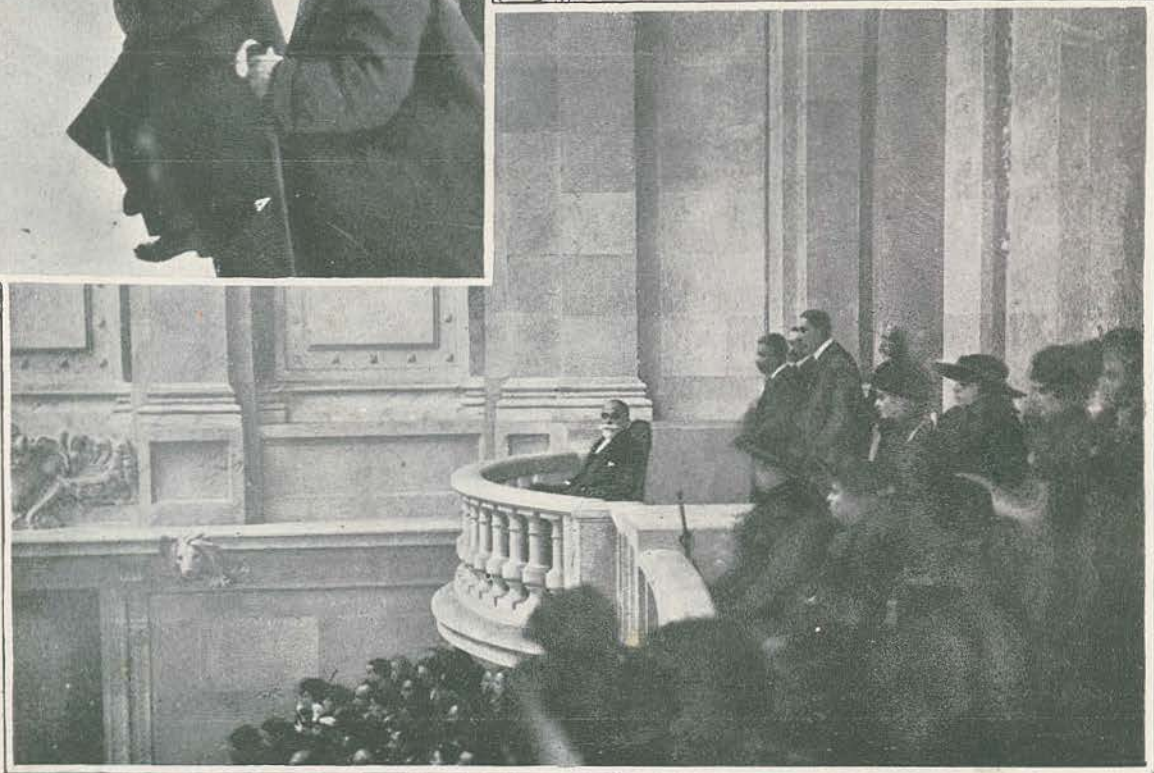
se um clamor de guerra, um protesto entranhado do sacrificio da propria vida pela defeza d'esta terra que nada ha—nem as ingratições—que faça esquecer aos que a tiveram por berço. Todo o Brazil—póde dizer-se—alvorçou-se com a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, como se fosse feita a ele proprio. Multiplicaram-se logo os oferecimentos de braços valentes e de recursos generosos de toda a espe-



1. A esposa do sr. ministro da Alemanha, saindo pela ultima vez do palacio da legação.—2. O sr. barão de Rosen, ministro da Alemanha em Portugal, abandonando o palacio da legação em Lisboa, na rua do Seculo.—3. O ministro da Alemanha e o consul alemão sr. Daehnhardt, na legação de Hespanha, com o sr. marquez de Vilasinda, representante do governo de Madrid junto da Republica Portueza.



O sr. presidente da Republica entrando no edificio do Congresso para assistir á sessão.
 cie. Todos os nossos queridos irmãos da grande republica sul-americana querem á porfia solidarisar-se



2. O sr. dr. Afonso Costa entrando no parlamento para tomar parte na sessão do Congresso.— 3. O sr. dr. Bernardino Machado assistindo á sessão do Congresso.

commosco contra o inimigo. Tantas provas de dedicação não comovem apenas; ajudam tambem a ven-

cer, porque inoculam primeiro que tudo a força moral indispensavel ás grandes vitórias.



As malas saindo do palacio da legação alemã para serem conduzidas á estação do caminho de ferro

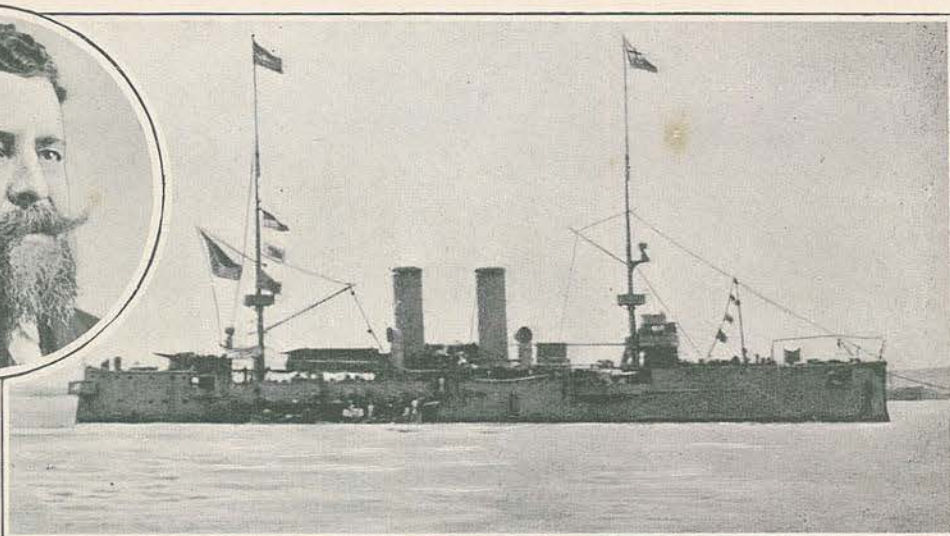


O ministro da Alemanha saindo da legação de Hespanha, acompanhado do sr. Daehnhardt, consul alemão
(Clichés Benolle).

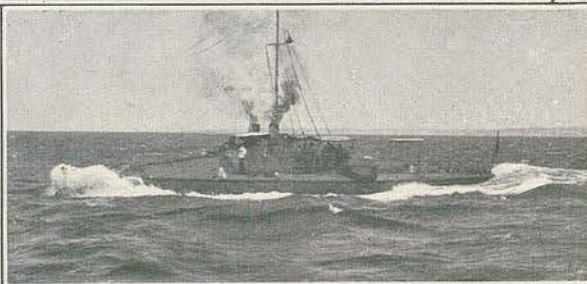
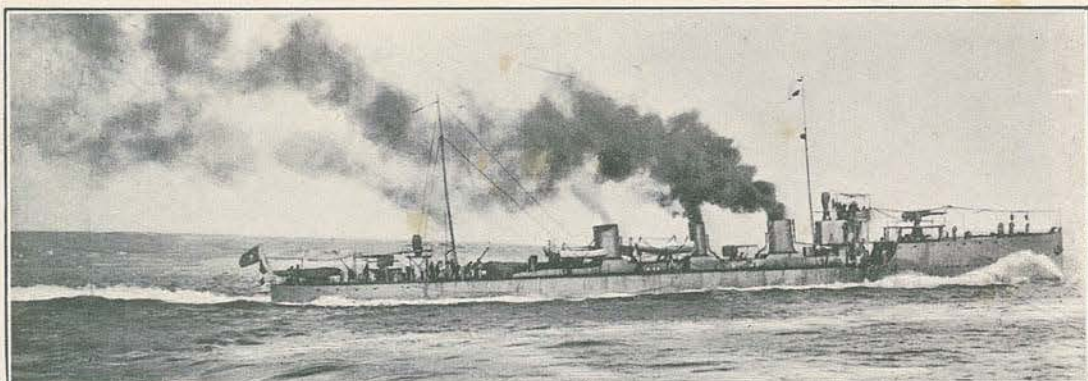


O capitão de fragata sr. Leote do Rego, comandante da divisão naval.

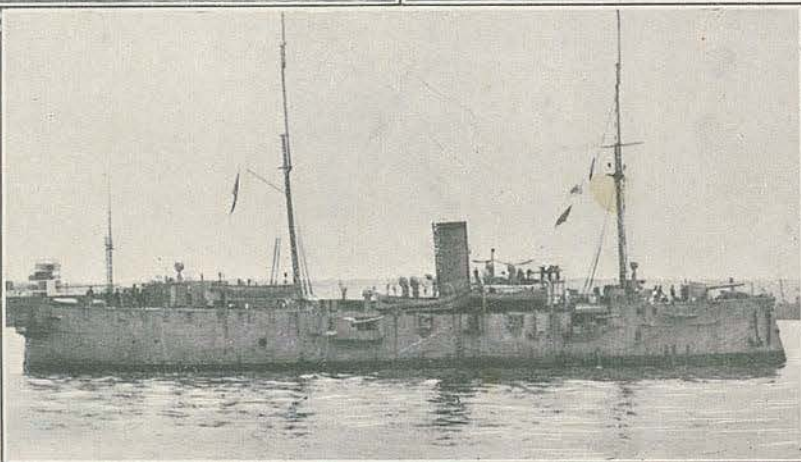
A primeira prevenção do governo português, depois da declaração da guerra,



O couraçado *Vasco da Gama*, navio chefe



teve por objecto a vigilância e defesa das nossas costas. Além do que mais importa a essa defesa por terra, tratou-se com prodigiosa e entusiástica prontidão de organizar a pormar. Se não podemos opôr desde já uma grande esquadra a qualquer tentativa de ataque do ini-



mi go, opôr-mos-lhe navios bem armados, com magnifico material e com excelentes marinheiros e officiaes, em cujo patriotismo e valentia o paiz pode confiar. E, de facto, depois do alvoroço de poucos dias, restabeleceu-se uma admiravel tranquillidade geral.

2. O destroyer *Douro*.—3. O torpedeiro n.º 3.—4. O torpedeiro n.º 4.—5. O cruzador *S. Gabriel*.—(Clíchê Bonnelle)

O VELHO MUNDO EM GUERRA

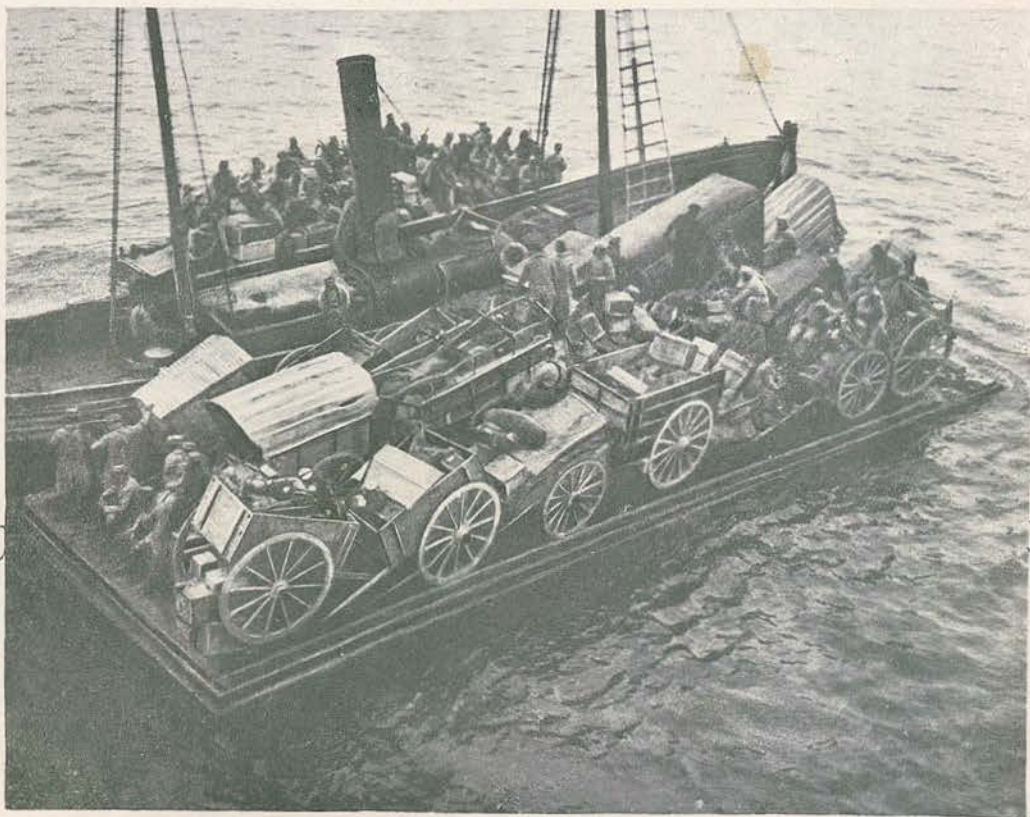


Ahi tem os imperios centraes as suas sonhadas vitorias para despedida do inverno. De ocidente a oriente fartaram-se de organizar combates de grandes massas humanas para forçar as linhas dos aliados e em muitos pontos, em vez de avançarem, tiveram de recuar ainda. Ao passo que os aliados não expõem inutilmente a sua gente e fazem por que do derrame fatal de tanto sangue a causa que defendem logre os maiores beneficios, a Alemanha, a Austria e a Turquia dispõem da vida dos seus soldados, como coisa vil, lançando os com a indiferença de quem lança metralha para cima do inimigo.

E' tão pasmosa essa indiferença, essa deshumanidade, como a passiva sujeição d'essas muralhas humanas, movendo-se automaticamente, alinhando-se como trincheiras de terra ou de madeira, e desmoronando-se, por fim, sob o fogo n'um montão de restos informes, no mesmo lugar onde estacaram deante da morte. O alemão não é só deshumano para com os adversarios; é deshumano para com os seus proprios.

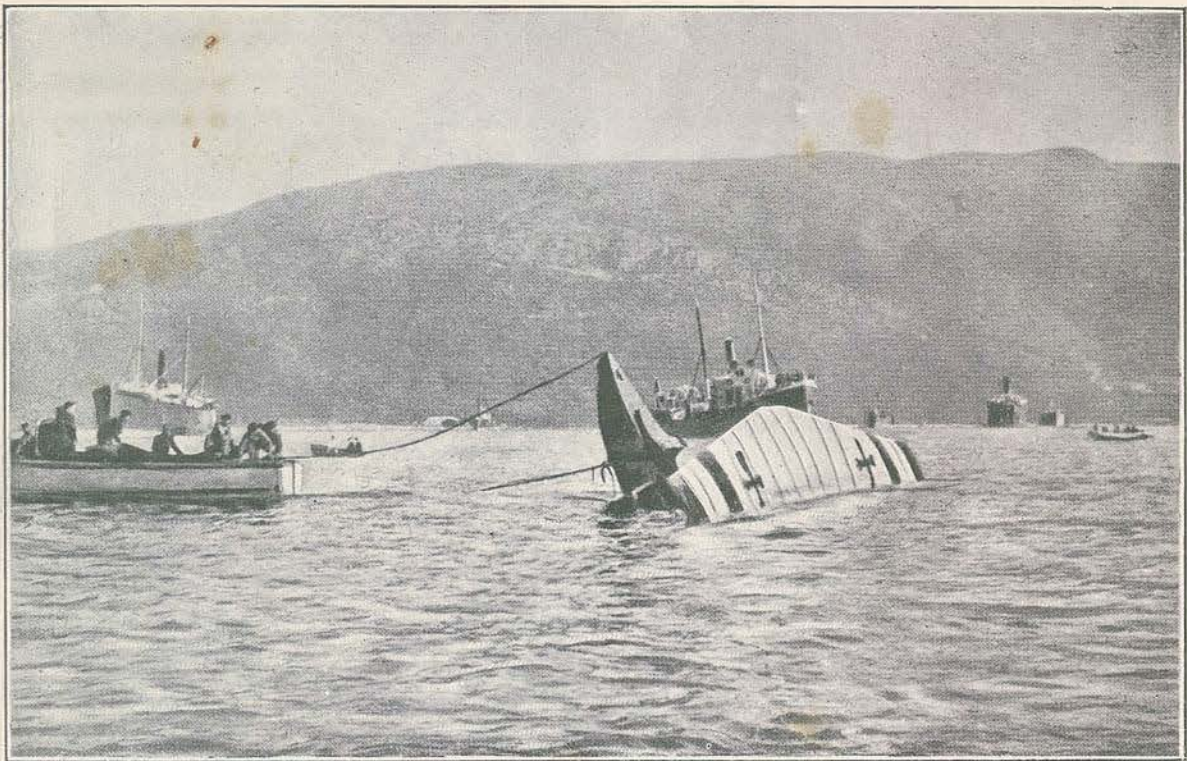
A tatica do bom general deve consistir em evitar o mais possivel a perda inutil de vidas dos seus soldados. Desde o principio da guerra é o que tem humanamente caracterizado a luta dos inglezes e dos francezes. E assim se explica que eles em muitas ações tenham obtido largas vantagens com uma terça ou quarta parte da gente.

Verdun é o exemplo mais frisante dos procesos de luta de parte a parte. O comando alemão, além das tropas entrincheiradas, atira para o campo com meio milhão de homens n'uma tentativa provadamente temeraria. Até ao momento em que escrevemos já baquearam duzentos mil! E' uma hecatombe inaudita, tão execravel que arrancou ao povo alemão um grito feroz de consciencia revoltada. Levanta-se um protesto geral, n'uma agitação medonha, contra esse infame matadouro humano. A Alemanha está a braços com uma revolução gravissima, nascida da sua desmedida ambição e atijada pela sua tremenda crueldade.

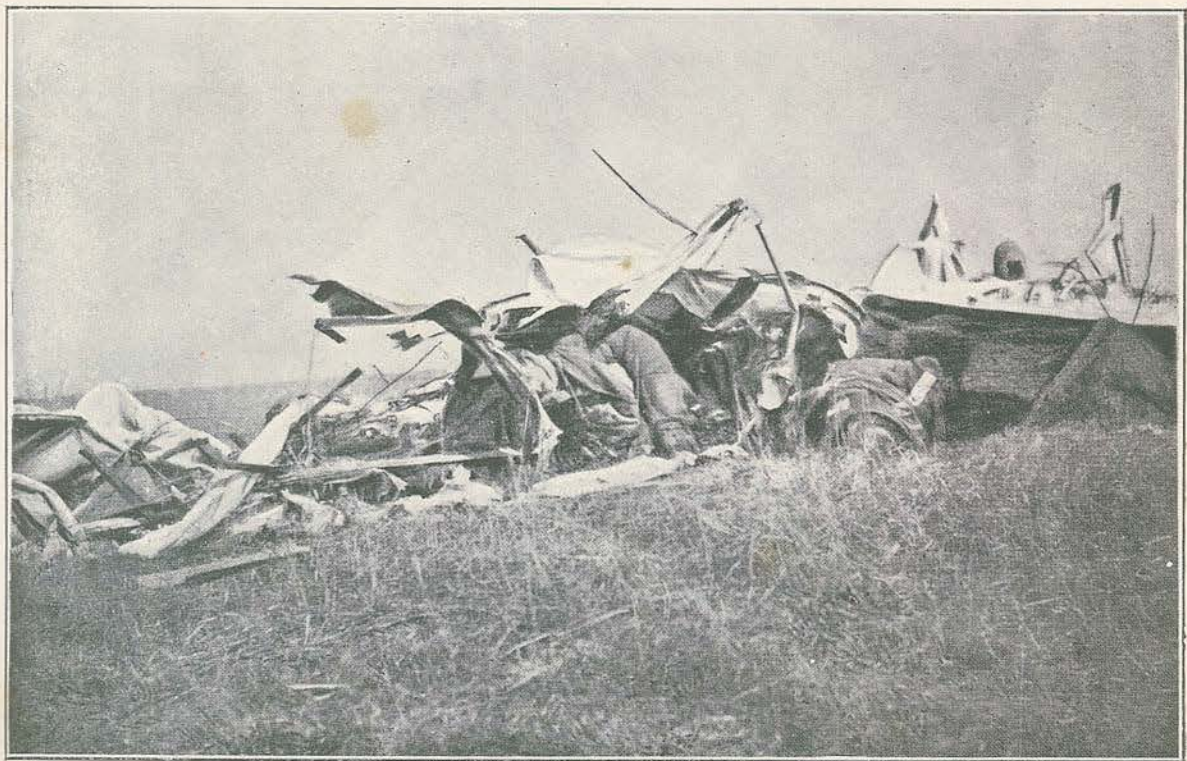


1. Depois da evacuação do exercito servio da ilha de Corfu. — Instrução dos novos contingentes sob a direção de officiaes francezes— (Cliché Branger)

2. Em Salonica. — Desembarque de material de guerra francez
Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á Ilustração Portuguesa



Um hidro-avião austriaco rebocado pela vedeta de um *destroyer* italiano



Um aeroplano alemão caído nas linhas da Lorena



A passagem do Cereda, onde os italianos bateram fortemente os austriacos



Oficiais austriacos na inauguração da estrada militar de Brocon trinta dias antes da ocupação italiana. ~

DEBAIXO DA TERRA



Os soldados guarda-vias preparando as suas refeições



Um padre soldado celebrando officios religiosos perante as tropas
(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos a *Ilustração Portuguesa*).



Um cão esquimó de vigia, pronto a ladrar ao primeiro sinal suspeito.

Leitura de uma carta, trazida da linha avançada por um dos cães mensageiros.

Na Alsacia. — Os rigores do inverno tem-se feito sentir muito por toda a linha de batalha, oferecendo em varios pontos aspetos curiosissimos como se se estivesse combatendo nas cercanias polares. Da Alsacia, então, são flagrantes esses aspetos, tendo por vezes a pai-

homem, a braços com a vida acrabunhante das geleiras, um auxilio inegalavel. Espertos, vigorosos e resistentes, esses dedicados amigos do homem compreendem de uma maneira admiravel a importancia das funções que junto d'ele exercem. Comove e surpreende a viveza pres-



Caçadores alpinos de blusas brancas para mais facilmente passarem confundidos com a neve

sagem o cunho desolador da paisagem do circulo artico. Para maior ilusão vêm-se numerosos cães ajudando os soldados, sobretudo no serviço de vigilancia, de transportes mais pesados e da correspondencia. E esses cães vieram dos Esquimós e de Alaska, em cujas latitudes prestam ao

cutadora com que eles fazem horas de sentinela e a coragem com que eles, mesmo debaixo das balas inimigas, conseguem levar correspondencia de uns pontos para outros. Ninguem pôde negar a alguns d'esses animaes a inteligencia das missões de que os encarregam.



Soldados franceses abrindo trincheiras de comunicação nas florestas



Soldados franceses seguindo por uma trincheira em comunicação com um sector, conquistado aos alemães.



Serviço de ambulancias perto da linha de fogo na Champagne.



Soldados prontos a irem ocupar os seus logares nas trincheiras



Em França:—Um poço aberto pelos sapadores de engenharia e construído por artilheiros francezes proximo das trincheiras.—(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido à *Ilustração Portuguesa*).



Em Salonica.—Os soldados francezes confraternizam com os gregos. Um *poilu* oferece o seu fogo a um pitoresco *erzone*.



Em Roma:—As damas da primeira sociedade, ao serviço da *Organização Civil*, revesam-se nas *gares* dos caminhos de ferro, onde oferecem aos soldados, gratuitamente, pequenas refeições para comerem durante a viagem.

Guerra entre a Italia e a Áustria



Um trecho da cidade de Kastell, no Gorz, durante o bombardeamento



Na fronteira grega:— Tropas desmontadas atacam o inimigo, em quanto os cavalos são conduzidos para fóra do campo da luta.—(The Illustrated London News)

A CONDUÇÃO DE FERIDOS



UMA AMBULANCIA COSSACA

Nos terrenos acidentados, onde se luta no Oriente, tem-se procurado a fórma menos incomoda de transportar os pobres feridos, que muitas vezes não resis-

tem aos baldões que levam até chegarem aos primeiros postos de curativo.

Os cossacos arranjaram agora um meio que

parece o mais comodo. Ligam as macas a dois bambus e estes suspendem-se pelas extremidades com o auxilio de correias a dois cavalos, tor-

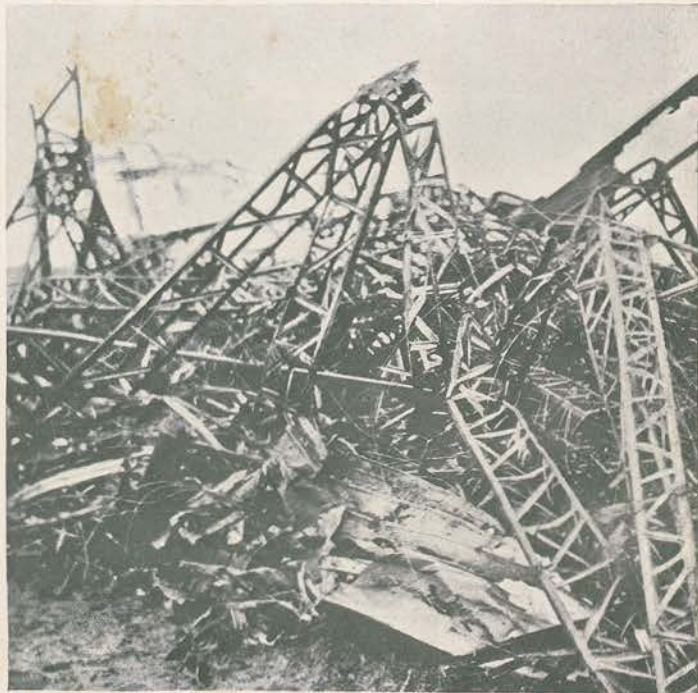
nando-se pois a condução muito mais rapida e mais suave atravez dos acidentados quasi penosos dos caminhos.

MAIS UM 'ZEPPELIN'



Examinando os destroços do Zeppelin «L. 77».

A guerra pelo ar também tem custado à Alemanha muitas vidas e muitos milhões de marcos, sem apreciáveis vantagens militares. Todos os seus «raids» não tem passado de experiências desastrosas. Não há dia que um dos seus aviões não seja posto fora de combate. Os «Zeppelins» então continuam a ser notavelmente dizimados, por mais aperfeiçoamentos que os seus construtores julguem introduzir-lhes. O «Zeppelin» «L. 77» alvejado por uma granada francesa e abatido em Brabant-



Aspecto geral dos destroços

«LIN» ABATIDO



A carcassa do Zeppelin «L. 77» ainda em chamas



do Zeppelin «L. 77»

le-Roi, pretendia realizar a última palavra da aerostática nos aparelhos do seu genero. Era uma aeronave monstruosa, de maquinismos complicados, e instalações de luxo e de copioso material de guerra para defesa e ataque. Pelo enorme montão de destroços em que ele se desfez sobre o solo francez, pode avaliar-se o que seria esse fantástico gigante do ar. Por entre esses destroços vêem-se dispersos alguns restos humanos, além de cada verez quasi inteiros que se encontraram dentro da cabine.

(Clichés da secção fotografica do exercito francez).



A queda do zeppelin «I, 77» em chamas



O auto-canhão 75 que abateu o Zeppelin e o artilheiro que dirigiu a pontaria.



Ainda e sempre pela patria

(Desenho de E. Bompard, na *Ilustração Italiana*).

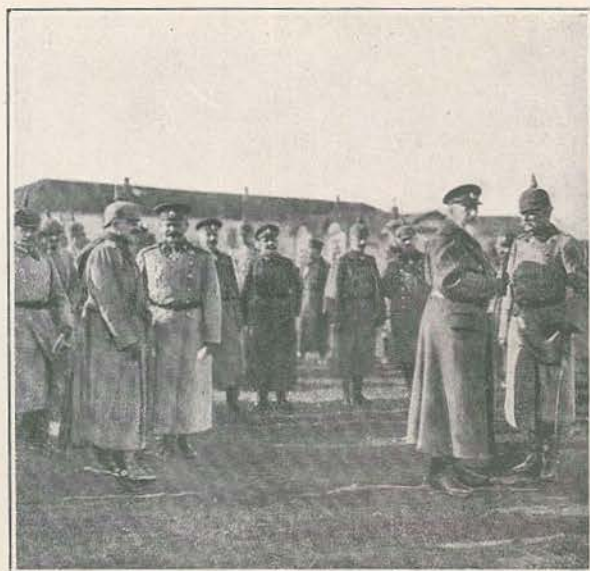
A BULGARIA



O kaiser entregando o bastão de marechal ao rei Fernando da Bulgária



Desfile de um regimento de cavalaria bulgara deante do kaiser e do rei Fernando



O kaiser, à esquerda, e o rei da Bulgária, à direita, falando com comandantes de tropas do exercito bulgaro e alemão



O kaiser e o rei Fernando passando revista a um regimento de infantaria bulgara

O tri-centenario da fundação de Belem do Pará (Brazil)

Depois de tremendas lutas entre francezes e inglezes que cubiçavam a posse das terras banhadas pelo Amazonas, foram elas reconquistadas pelos portuguezes, que fizeram valer os seus direitos tradicionais. Apasiguadas essas lutas por uma victoria completa dos nossos compatriotas, foi fundada em 1616 a cidade de Belem do Pará, na bahia de Guajará, onde o seu primeiro capitão-mór,

Francisco Caldeira Castelo Branco, levautou uma fortaleza para defesa da nova cidade. Conhecedor da riqueza das Terras de Santa Cruz, pois já em 1614 tinha tomado parte na guerra contra os francezes no Maranhão, Francisco Caldeira administrou com grande zelo e intelligencia a cidade que fundou, contribuindo imenso para o seu progressivo desenvolvimento. Mas pagou o seu tributo á injuria e á inveja dos que não podendo realizar o que ele com uma



O sr. Carlos Cotejo, consuli de Portugal no Pará



O sr. dr. Enéas Martins, governador do Estado do Pará

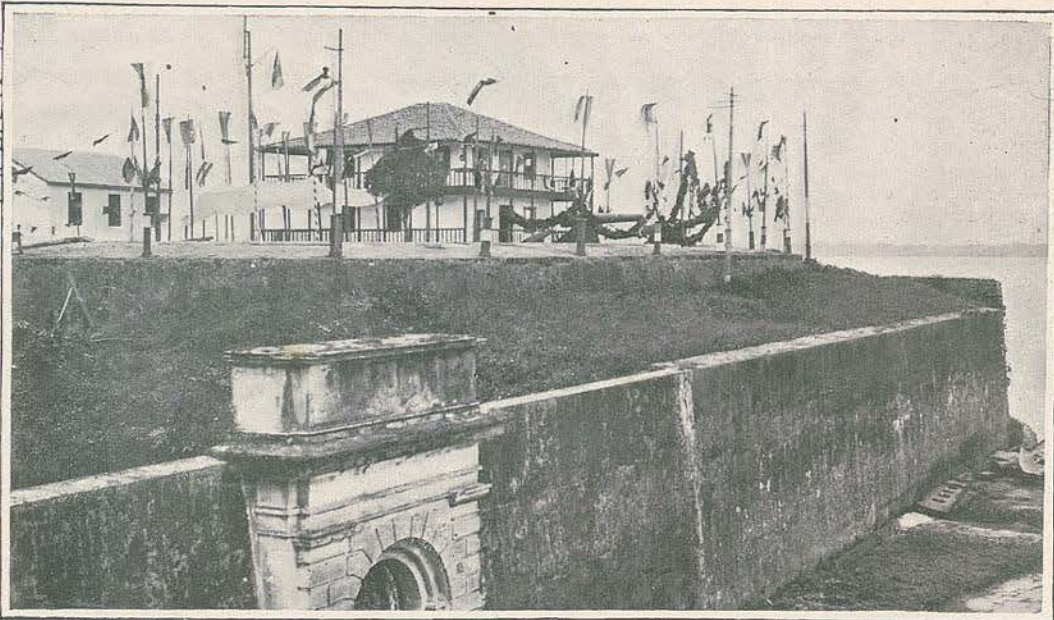
energia pouco vulgar realizou, tal rede de intrigas tramaram, que teve de retirar para Lisboa, chamado pelo governo.

Para celebrar o tri-centenario d'aquella data, que representa uma gloriosa tradição da nossa historia, organisou-se ali uma grande comissão presidida pelo sr. dr. Antonio Martins Pinheiro, intendente do municipio da cidade, que realisou varias festas que de-

correram animadas e brilhantissimas, tendo-se evocado n'elas os feitos dos portuguezes e prestado honrosa homenagem ao fundador da grande cidade, que hoje é capital de um dos maiores e mais prosperos Estados da Republica nossa irmã. Nas festas, a que concorreu o elemento official e a que o povo se associou com todo o entusiasmo, fez-se representar o sr. residente da Republica Brasileira, sendo o sr. presidente da Republica Portuguesa, presidente ho-



A trasladação da madeira da Praça da Republica para o Castelo, na noite de 24 de dezembro



Um aspeto actual do Castelo onde foi fundada a primitiva cidade pelo navegador portuguez Francisco Caldeira Castelo Branco

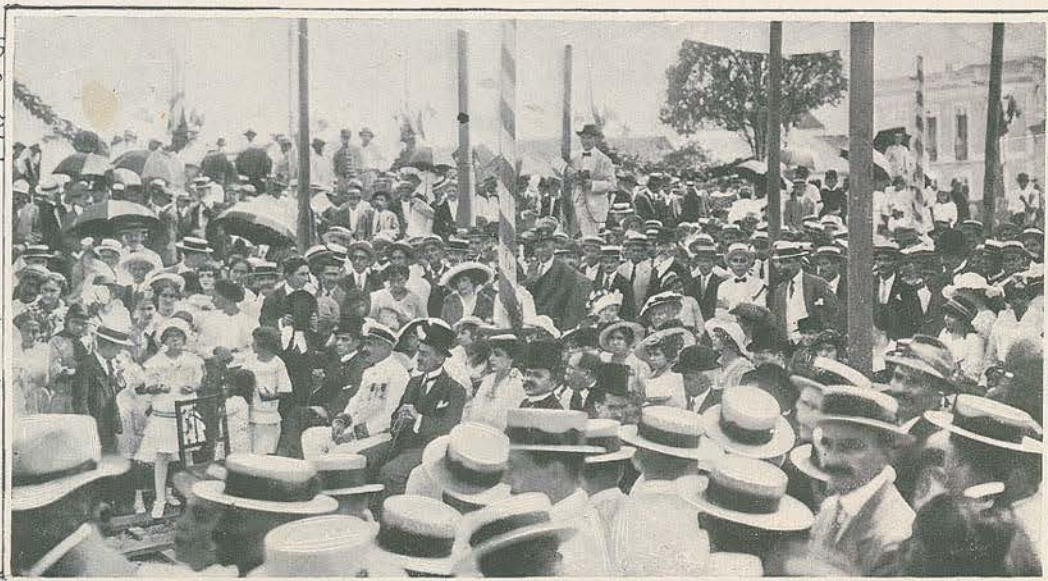
norario da comissão, representado pelo sr. Car-

A grande comissão das festas comemorativas do 11-centenario da fundação de Belém do Pará.—Da esquerda para a direita, sentados, os srs.: dr. Inacio de Moura, engenheiro, e catedratico do Ginasio; dr. Luiz Estevão de Oliveira, que representou o sr. presidente da Republica Brasileira, dr. Antonio Martins Pinheiro, intendente do municipio e presidente da grande comissão de festas; Carlos Cotelto, consul de Portugal, que representou o sr. presidente da Republica Portuguesa; dr. Raimundo Viana, engenheiro catedratico



los Cotelto, consul portuguez na mesma cidade.

e secretario das obras publicas do Estado. De pé: commandador João Afonso do Nascimento, jornalista e escritor teatral; dr. Emilio Amaral, comerciante e presidente da Beneficencia Portuguesa; capitão-tenente dr. Olavo Viana; engenheiro dr. Henrique Santa Rosa, historiador e sub-diretor da companhia «Port of Pará»; coronel Raimundo Brazili, jornalista e fazendeiro; engenheiro dr. Palma Moniz, diretor das obras publicas do Pará, e dr. Teodoro Braga, historiador e pintor artistico.



Na cerimonia civil de 25 de dezembro.—O sr. dr. Enéas Martins, governador do Estado do Pará, tendo á sua direita madame Luiz Estevão; dr. Luiz Estevão, representando o sr. presidente da Republica Brasileira; mr. E. Puegan, consul de França, e dr. Pinto Dias, secretario do governador do Estado; e á sua esquerda o sr. Carlos Cotelto, consul de Portugal, representando o sr. presidente da Republica Portuguesa; general Agricola Pinto, comandante da 1.ª região militar; senador dr. Silva Rosado, mr. Michel, consul de Inglaterra, e dr. Moton Buhlamagui, chefe de policia



Os dois velhotes eram muito amigos, e muito diferentes por fóra. Por dentro, tão bom um como o outro, mas cada qual a seu modo

Padre Marcos, pequeno e débil de corpo, tinha o caracter suave, meigo e delicado de uma santa mulher, e as maneiras forradas de veludo. Major Fumega, mais robusto e áspero que uma trave, fazia tremer o soalho quando falava em segredo, quasi furava as mãos dos mendigos ao pôr-lhes um vintem sobre a palma enconchada, e na casa alheia nunca se sentava, com medo de quebrar as cadeiras. A minha deliciosa sobrinha Maria, que aliás já o conheceu alquebrado, dizia com graça que ele *mandava a gente passar bem*. E é perfeitamente certo que os seus mais afectuosos cumprimentos soavam aos nossos ouvidos como resmungadas descompos-





turas, ou como vozes militares de um oficial tarimbeiro.

Marcos e Fumega tinham-se encontrado nos confins de Angola, colaboradores valiosos de uma dessas nossas admiráveis guerras de Africa, em que os Portuguezes combatem simultaneamente o Preto, a Febre e - inimigo peor que todos - a imprevidencia dos seus governos. Passaram fome, passaram sede, mil vezes a morte os ameaçou de mil maneiras, e os soldou amigos por toda a vida.

Já velhos, e aposentados ambos, cada dia os dois se encontravam pontualmente em casa de um ou de outro, e inseparáveis passeavam pela cidade, discutindo em desacordo eterno os problemas insolúveis da Religião e da Politica.

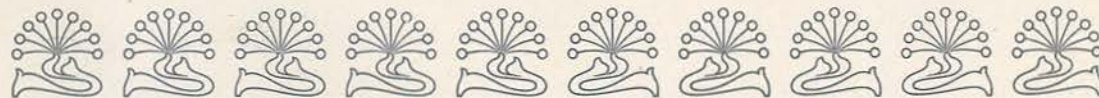
Major Fumega nunca adormecia sem rezar; mas quando falava de Deus com o seu amigo, tratava-o sempre como um general mais estúpido, ou um presidente do conselho mais patife que os outros. E o bom padre absolvía o bom soldado dos seus assomos sacrilegos, porque via naquela má lingua a casca superficial de uma alma boa e, pio e manso êle proprio, era propenso a considerar a braveza e impiedade alheias como disfarces da mesma infinita piedade ou mansidão divina, espalhada sem conta por todas as criaturas.

Infelizmente, aqueles passeios teologicos e politicos acabaram no dia em que a velha e gorda Teodora entrou esbaforida no quarto do padre, a dizer-lhe que o sr. major não vinha, porque *lhe tinha dado uma coisa pela cabeça, e estava muito mal.*



Quando padre Marcos subia ansioso a escada do major, descia o medico; quando entrou no quarto do amigo, já sabia que a Morte o tinha marcado, com um golpe certo, para a sua colheita daquele dia.

Chegado á beira do enorme leito, admirou no seu intimo a fortaleza daquelle corpo, que parecia tão são como sempre. E mais admirou a fortaleza





daquela alma, ao ver que o major, perfeitamente informado ou compenetrado da morte proxima, quasi imediata, já tinha organizado a viagem, ultima e unica, em que a gente dispõe das bagagens . . . para ficarem.

—O Monte-pio fica á minha sobrinha Francisca, a quem já mandei chamar por telegrama. Roupas, mobilias e miudezas, deixo-as á Teodora. O relógio é para si, padre Marcos, como recordação das horas que passámos juntos.

E levou a mão ao lado esquerdo do peito, carregando ao mesmo tempo as sobrancelhas e acendendo nos olhos uma luz de furia, como quem se preparasse para descompor a vida que fugia, ou a morte que ia chegando.



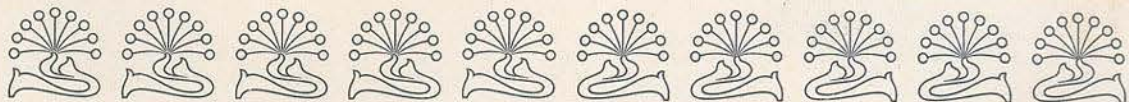
Padre Marcos, resignado e submisso como sempre, abafava a sua dôr e aceitava os factos como Deus os ordenara, na sua infinita sabedoria. Visto que o corpo do amigo estava já votado á ruina final, só a alma dele o interessava agora; e interessava-o tanto, como se fosse a sua propria que ia fugir e que era necessario salvar. Atarefado, solícito, pondo no seu mister espiritual a atividade miuda, mansa e tenaz de uma boa dona de casa, padre Marcos começou a preparar tudo, e primeiro que tudo o moribundo, para a solenidade da Grande Hora.

O major, estirado no leito, seguia-lhe os movimentos e as palavras, afetando não olhar para ele. A' primeira discordancia sua, á primeira insistencia do amigo, o mau humor explodiu, com a violencia do costume:

—Quem morre aqui, afinal, padre Marcos? Morre você, ou morro eu? ...

E, dizendo isto, sentou-se na cama, furioso. Mas logo caiu para traz, como um fardo pesado. Afinal morreu ele.

Agostinho de Campos.



BREVEMENTE

O **SECULO** começará a publicar o 1.º episódio do grande folhetim cinematográfico

Os Misterios de New-York

adaptado do americano pelo notável romancista *Pierre Decourcelle*, versão portuguesa de Jorge de Abreu.

Terminada no **SECULO** a publicação d'esse episódio, o «ecran» do Olympia começará a exhibir o «film» correspondente que, depois, será projetado em mais de



120 CINEMAS DA PROVINCIA

Pelas suas extraordinárias peripecias, pelo seu magnífico entredo

Os Misterios de New-York

estão destinados, no paiz, a um éxito igual ao que já obtiveram na America, na Inglaterra e na França.

BREVEMENTE

No **SECULO** e no **OLIMPIA**


O 1.º episódio de

OS MISTERIOS DE NEW-YORK

que se intitula

A MÃO FATAL





O Desprêzo e a Ironia

(Inédito)

*Ha na terra um verdugo insaciado e fero
Que pretende esmagar com formidavel pêso,
Tendo a missão de algoz e a malvadez de um Nero,
Reside em toda a parte, e chama-se: o Desprêzo.*

*O Desprêzo é robusto, é forte enormemente,
Mas no temor — quiçá? — de enfraquecer um dia,
Foi pedir ao Inferno auxiliar potente
E Satanaz, a rir, cedeu-lhe a Ironia.*

*Ironia e Desprêzo, em mutuo assentamento,
Laboram sem cessar e sem perder alento
No cultivo do Mal — n'essa tarefa ingrata!...*

*Mas certa divergencia existe em tal missão,
Quereis saber qual é? ides sabê-lo então:
E' que o Desprêzo fere, e a Ironia mata!...*

Lisboa, 1915.

José Cordovil.

Jean Finot



Mr. Jean Finot

(Reprodução da capa d'este numero da *Ilustração Portuguesa*)

Após a leitura do artigo «La Soyanté Portugaise» publicado em *La Revue*, não resistimos ao desejo de apresentarmos aos leitores da *Ilustração Portuguesa* a silhueta do seu illustre autor.

Mr. Finot dignou-se receber-nos na sua residência da avenida Bugeand, e apesar de n'esse momento se achar bastante incomodado, quando pelo seu secretario particular soube quem eramos e ao que iam, imediatamente veio ao nosso encontro.

O eminente escritor sem dificuldade acedeu ao nosso designio e enquanto lançavamos na tela os traços insinuantes do grande amigo de Portugal este prendia-nos a atenção n'uma palestra interessantissima, mostrando conhecer bem a fundo o ambiente portuguez e abrangendo em analyse synthetica as vicissitudes porque tem passado o nosso paiz desde a morte de D. Carlos até á hora grave em que a nossa situação tem forçosamente de ser esclarecida.

Era tempo, diz-nos o grande escritor, de pôr um termo á ingrata maneira como eréis julgados cá fóra pela opinião publica e a bela e heroica attitude de Portugal terá como primeiro efeito dissipar o terrível pesadelo que pairava sobre a reputação da Terra Portugueza.

Conversei com varios membros do governo francez e todos manifestaram a opinião de que, seja qual fór o resultado da campanha a favor da intervenção de Portugal na grande guerra, é já incontestavel que o seu paiz conquistou no conceito da França, dos aliados e dos neutros um logar altamente honroso.

O espirito de generosidade que anima o povo portuguez impressionou vivamente os governantes dos paizes em luta contra o barbarismo tudesco: ha qualquer coisa de consolador, disse-me um grande estadista e ministro no actual gabinete francez, ver a coragem desinteressada d'esse nobre povo! É sobretudo Portugal quem pôde falar da defeza ideal dos principios humanitarios, visto que essa gloriosa nação se não encontra directamente em jogo.

Extratos de jornaes portuguezes e conservando a nobilissima attitude do povo lusitano foram avidamente lidos e apreciados em todos os meios officiaes e confesso-lhe que me é particularmente agradavel a convicção de que falei de Portugal com conhecimento de causa, exprimindo a grandeza de seus sentimentos, apoiando-me em factos concretos e não em coisas imaginarias que o cerebro d'um simples entusiasta poderia muito bem ter engendrado.

O meu artigo empalidece pois singularmente a par da vossa imprensa, que, interprete do sentimento nacional, tão poderosamente concorre para o tornar digno de admira-

ção no mundo inteiro, e não posso dizer-lhe a alegria que sinto em ter contribuido ainda que indirectamente, para que a partir d'esta data memoravel se não fale do seu glorioso paiz com a leviandade de outr'ora e com a incompreensibilidade da alma e do povo portuguez que tocára as raias da imbecilidade... senão do crime!

É sobre este ponto eu me explico. A boa reputação d'um individuo ou d'uma coletividade constitue o seu primordial tesouro, mesmo de todos

o mais sagrado. E' revoltante a calunia e com esta inconsequencia que caracteriza a legislação moderna, punimos severamente quem nos surripiar uns miseros dinheiros e deixamol-o indemne de toda a culpabilidade quando ele nos despoja das qualidades moraes, as mais das vezes inestimaveis!

Ante os povos e sobretudo das pequenas nações consideradas como entidades, não é rara a calunia e a tendencia a fazer descer de nivel o seu valor real.

Ameudadas vezes, opiniões prematuras e eivadas de manifesta má fé ocultam-nos de certos povos virtudes essenciaes que constituem n'eles um patrimonio digno de ser respeitado e inviolado. E era assim, desgraçadamente, que atravez do mundo nos mostravam Portugal e os verdadeiros portuguezes!

Portugal ainda não entrou directamente na grande conflagração, é facto, mas já obteve uma autentica victoria!

Alguns membros do parlamento inglez com quem eu troquei impressões, não me ocultaram a sua satisfação em face da attitude do seu paiz e essa mesma satisfação será em breve compartilhada por toda a Inglaterra, a grande e nobre nação sempre sensivel á elevação de sentimentos taes como os que o velho Portugal, n'este momento, patenteia ao mundo civilisado.

Tinhamos acabado o nosso estudo e iam agradecer a Jean Finot o seu generoso acolhimento, mas este tolhe-nos o gesto e diz-nos ainda

Deploro que a literatura portugueza não seja mais conhecida entre nós, francezes. Por mim, e digo-o com orgulho, tenho feito tanto quanto possivel para atrair a atenção do grande publico sobre as vossas joias literarias e já em tempo, na revista que dirijo, o dr. João de Barros publicou um artigo sobre esse assunto, que, com inteira justiça, foi muito apreciado em França e mais tarde traduzido em inglez, italiano e alemão.

Não se esqueça pois de dizer no seu jornal que as colunas de *La Revue* ficam á disposição de quem lhe enviar estudos orientados n'esta ordem de idéas.

Paris, 1915.

Ferreira da Costa.

FIGURAS E FACTOS

Mounet-Sully. — Com 75 anos e uma longa carreira cheia de triunfos e glorias faleceu em Paris o admirável tragico Mounet-Sully, uma das mais brilhantes figuras da *Comédie Française*, de que era o decano. Pela sua morte não veste luto apenas a Arte franceza, mas a de toda a raça latina que ele tanto enobreceu com o seu genio na interpretação d'esse teatro para o qual vão rareando as aptidões.

Mounet-Sully fez parte dos contingentes da Dardogne, no exercito do



O grande tragico Mounet-Sully

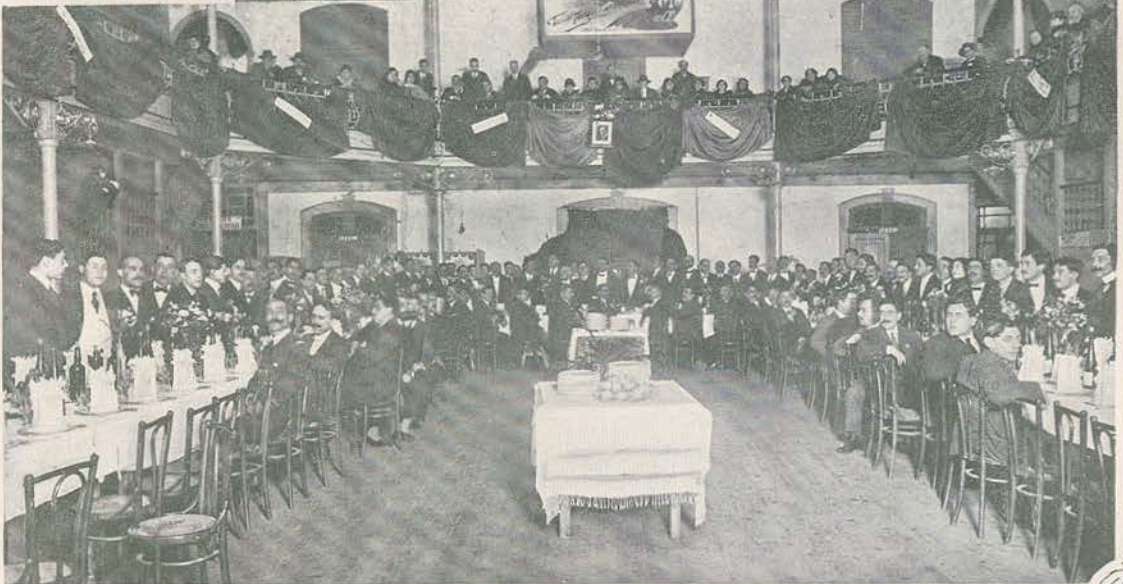
Loire em 1870 e 1871, e esteve por duas vezes em Lisboa, a primeira no antigo teatro de D. Maria II, ha muitos anos já, e a segunda no antigo teatro D. Amélia, ha cerca de dez anos, onde representou com extraordinario successo o «Edipo-roi».

Jean Mounet-Sully nasceu em Bergerac em 1841, cidade em que fez os seus estudos. Quando foi para Paris para tirar o curso de direito, seduziu-o a vida do teatro e n'ele foi o celebre ator que toda a gente ovacionou.

O sr. José Francisco Palóta, 2.º sargento de Infantaria em Loanda, enviou-nos esta curiosa fotografia que tirou nas margens do rio Bengo, na qual se vê um jacaré morto com uma ninhada de 80 ovos e um boi bravo, mas domesticado, que serve de montada a um rapazinho de oito anos e que é tão docil que acompanha o dono para toda a parte como se fosse um cão.



Grupo tirado nas margens do rio Bengo, junto da lagôa Pangulla



O maestro sr. Pascoal Pereira — 4. Grupo de convivas que assistiram á ceia oferecida ao maestro Pascoal Pereira, no hall do Apolo-Terrasse, do Porto (Cliché do fotografo sr. Beleza, do Porto)



O menino Fernando Manuel da Mota Marques
O menino Mario Alberto de Souza e Brito



A menina Antonia Concelção Jesus Silva
A menina Arlinda Concelção Jesus Silva



A menina Concelção Caidelra vestida de capitão medico



O distinto fotografo sr. Julio Novaes, que festejou ha dias o aniversario da abertura da sua casa na Rua Ivens, 26



A sr.^a D. Emilia Rodrigues, insigne soprano ligeiro, que no ano passado se evidenciou pela sua voz deliciosamente timbrado e pelo seu bellissimo metodo de canto. Desempenhou com brilho, no Coliseu, a protagonista das operas *Barbeiro de Sevilha*, *Lucia* e *Sonambula*.

A sr.^a Maria Pires Marinho, discipula da distinta professora Madame Manteli, que se estreou no Coliseu dos Recreios no dia 2 do corrente, sendo muito apreciada a sua lindissima voz de soprano lirico. Cantou os *Palhaços* e foi imensamente aplaudida pela enorme assistencia.



No Funchal.—O sr. Raul Mario Telo, chefe da policia civica do Funchal, inaugurou no seu gabinete um lindo busto da Republica, executado n. um atelier de Lisboa, sendo o primeiro e unico busto que se encontra em reparições d'aquella cidade.